

# DISCURSO DE RUBIO EM MUNIQUE DETALHOU A NOVA ORDEM MUNDIAL DE TRUMP 2.0

Marco Rubio delineou a visão do Trump 2.0 para uma nova ordem mundial, focando na restauração da civilização ocidental; ele criticou a globalização e a migração, propondo reinustrialização e reforma global. Seu plano visa reafirmar a liderança ocidental (EUA), agindo sozinho se necessário, para restabelecer a unipolaridade.

**Andrew Korybko\***



*Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

Marco Rubio, uma das figuras mais poderosas dos EUA devido aos seus cargos de secretário de Estado e conselheiro de Segurança Nacional, fez um [discurso histórico](#) na Conferência de Segurança de Munique no último fim de semana, detalhando a nova ordem mundial idealizada pelo governo Trump 2.0. Suas palavras foram moldadas pela [Estratégia de Segurança Nacional](#), pela [Estratégia de Defesa Nacional](#) e pela “[Doutrina Trump](#)”, sobre as quais os leitores podem aprender mais nas análises acima, cujos links estão disponíveis. Esta análise irá revisar, contextualizar e analisar seu discurso.

Ele criticou duramente a noção de que “*o fim da história*” chegou após a Guerra Fria, quando as democracias liberais supostamente proliferariam pelo mundo e a “*ordem global baseada em regras*” substituiria os interesses nacionais. Rubio criticou particularmente a terceirização da indústria para adversários e rivais, a terceirização da soberania para instituições internacionais, o empobrecimento “*para apaziguar um culto climático*” e a migração em massa, todos os quais ele

admitiu serem erros e que, segundo ele, os EUA querem corrigir.

Rubio declarou que o governo Trump 2.0 renovará e restaurará a civilização ocidental por conta própria, se necessário, mas prefere fazê-lo em conjunto com a Europa, de onde os EUA emergiram. Em seguida, elogiou efusivamente a civilização compartilhada de diversas maneiras, antes de afirmar que seu revigoramento inspirará suas forças armadas. Isso precedeu sua menção aos planos do governo Trump 2.0 para reindustrializar, acabar com a imigração em massa e reformar a governança global com esse objetivo, o que, segundo ele, trará benefícios tangíveis para as massas ocidentais.

Longe das políticas isolacionistas que alguns alarmistas preveem que os EUA seguirão, o país, na verdade, deseja otimizar sua rede global de alianças, mas isso só pode acontecer por meio de uma distribuição mais justa dos encargos. Restaurar o orgulho na civilização ocidental é outro dos principais objetivos da política externa do governo Trump 2.0. Refletindo sobre essa ordem mundial idealizada, fica claro que ela se inspira nas obras de Samuel Huntington e Alexander Dugin sobre civilizacionalismo, que se concentram nesse aspecto da identidade compartilhada como um fator crescente nas relações globais.

Como era de se esperar, o conceito de excepcionalismo americano permeia o discurso de Rubio, o que fica evidente em sua declaração de que os EUA agirão sozinhos para restaurar a civilização ocidental, se necessário, e também em sua descrição do suposto “*declínio terminal*” do Ocidente após a Segunda Guerra Mundial como uma “*escolha*”. Esta última afirmação sugere que os EUA não acreditam que a multipolaridade, entendida neste contexto como a ascensão de outros estados-civilização para equilibrar o nascente estado ocidental que o governo Trump 2.0 deseja criar, seja inevitável.

Extrapolando a partir disso, isso ele sugere que a ascensão de outros polos (seja qual for a denominação utilizada [países, estados-civilização, blocos, etc.]) é resultado das políticas contraproducentes do Ocidente, e não de políticas próprias. Isso é questionável, visto que, embora seja verdade que a distensão sino-americana de Nixon, resultante da Guerra Fria, tenha fornecido o capital responsável pela ascensão da China, por exemplo, o Partido Comunista Chinês direcionou esse processo para proteger a soberania nacional e transformar a China em uma superpotência econômica.

O que o Trump 2.0 quer fazer é liderar reformas abrangentes na civilização ocidental com o objetivo de construir um nascente Estado-civilização que, então, exerceeria irrestritamente sua força coletiva restaurada para coagir rivais emergentes a se subordinarem a ele, visando restaurar a unipolaridade. Os EUA obtiveram alguns sucessos em política externa no último ano, mas isso não significa que conseguirão reformar a civilização ocidental, criar um Estado-civilização a partir dela e, em seguida, controlar o mundo.

---

\***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.